

# DÍÁ

Pesquisas  
em

# LOGO

Violências,  
Interseccionalidades  
e Possibilidades de  
Inclusão Social

Volume 1

Aline Passuelo de Oliveira  
Aline Valéria Fagundes da Silva  
Ana Maria Paim Camardelo  
Bruno Silveira Rigon  
Maíra Pereira da Costa



# **PESQUISAS EM DIÁLOGO**

VOLUME 1

**VIOLÊNCIAS, INTERSECCIONALIDADES E  
POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO SOCIAL**

Organizadores

**Aline Passuelo de Oliveira**  
**Aline Valéria Fagundes da Silva**  
**Ana Maria Paim Camardelo**  
**Bruno Silveira Rigon**  
**Maíra Pereira da Costa**



**Diagramação:** Marcelo Alves

**Capa:** Gabrielle do Carmo



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhado 4.0 Internacional [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

P474      Pesquisas em diálogo [recurso eletrônico] / Aline Passuelo de Oliveira, Aline Valéria Fagundes da Silva, Ana Maria Paim Camardelo, Bruno Silveira Rigon e Maíra Pereira da Costa (orgs.).  
Cachoeirinha : Fi, 2024.

407p.

Violência, interseccionalidades e possibilidades de inclusão social, v. 1.

ISBN 978-65-85725-86-6

DOI 10.22350/9786585725866

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Questões sociais – Violência – Interseccionalidade – Inclusão social - Pesquisas. I. Oliveira, Aline Passuelo de. II. Silva, Aline Valéria Fagundes da. III. Camardelo, Ana Maria Paim. IV. Rigon, Bruno Silveira. V. Costa, Maíra Pereira da.

CDU 303/305:316.3/.7

# 11

## ***SE NÃO CRIO, EU ADOEÇO:* O TRABALHO ARTESANAL NÃO ASSALARIADO NO CAPITALISMO E A SAÚDE DAS ARTESÃS**

*Shirlene Anabor*<sup>1</sup>

*Dolores Sanches Wunsch*<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

O trabalho artesanal insere-se no capitalismo através da esfera de circulação de mercadorias (CANCLINI, 1983; MARX, 2017). A necessidade de sobrevivência, submete os artesãos a diversas formas de exploração no sistema econômico capitalista, tais como: a comercialização dos produtos abaixo do valor, a condição de não assalariamento, o prolongamento da extensão da jornada de trabalho, a precariedade nas relações de trabalho e a desproteção social.

Da produção e da comercialização da mercadoria artesanal provêm o sustento de milhares de trabalhadores brasileiros, que, em grande parte, encontram nesse ofício sua única fonte de renda. Além de oferecer uma alternativa econômica para a subsistência, a artesanaria também representa um importante modo de expressão cultural e de fortalecimento das comunidades.

Estudos indicam que o setor artesanal brasileiro é predominantemente composto pelo trabalho feminino (BORGES, 2011; DIEESE, 2017; IPEA, 2018a). Dentre estes, um estudo publicado pelo IPEA,

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

realizado entre os anos de 2009 e de 2013, identificou 104.278 milhões de trabalhadores artesanais no país, dos quais 78% (81.486 milhões) eram mulheres (IPEA, 2018a). Nesse sentido, é fundamental considerar que as trabalhadoras ainda enfrentam implicações da divisão sexual do trabalho, tais como: a distribuição desigual de tarefas, a imposição de funções determinadas por gênero e remunerações mais baixas em relação aos homens (FEDERICI, 2017; NOGUEIRA, 2006; SCOTT, 1994).

O cotidiano das artesãs é composto pela conciliação do trabalho artesanal com outras atividades, sendo esse um contexto promovido pela cultura patriarcal na sociedade capitalista e agravado pela condição de não assalariamento. O acúmulo de tarefas, entre o trabalho artesanal pago e o reprodutivo não remunerado, resulta em dupla ou tripla jornada diária de trabalho das mulheres. Por consequência, o limiar entre família e trabalho dissolve-se de modo impreciso, fragilizando as trabalhadoras em diversos aspectos, e, em particular, a sua saúde.

O presente capítulo visa a contribuir para a temática da exploração da força de trabalho não assalariado no setor artesanal e sua incidência sobre a saúde das artesãs. Para isso, apresentam-se os resultados de uma pesquisa com abordagem qualitativa, de caráter exploratório e não probabilístico (ANABOR, 2020), que investigou as percepções de artesãs não assalariadas sobre cotidiano de trabalho e saúde. O título do capítulo, “se não crio, eu adoço”, expresso pela afirmação de uma das trabalhadoras, explicita as contradições existentes na relação saúde e trabalho.

O primeiro item do texto, intitulado “Percurso Metodológico”, trata da metodologia empregada na pesquisa, que, por sua vez, buscou uma aproximação com o cotidiano de trabalho das artesãs. Ainda, especifica a natureza do estudo, seus eixos norteadores, a seleção da

amostra, as técnicas e os instrumentos utilizados e o modo de análise aplicado para os dados obtidos.

A seguir, o item intitulado “*Eu faço isso e várias coisas juntas: o trabalho artesanal não assalariado no capitalismo e as implicações da divisão sexual do trabalho no cotidiano das artesãs*”, desenvolve a discussão teórica a partir dos seguintes aspectos: o trabalho artesanal não assalariado no capitalismo, a inserção das trabalhadoras artesanais nesse setor, a divisão sexual do trabalho, a dupla jornada no cotidiano das mulheres e a saúde da trabalhadora artesã. Parte do título menciona a citação de uma das artesãs entrevistadas, ao abordar a dupla jornada, que é composta pelo trabalho artesanal não assalariado e o doméstico não remunerado. Para fundamentar as análises sobre o trabalho artesanal não assalariado no capitalismo e as implicações da divisão sexual do trabalho na vida das mulheres artesãs, utilizam-se autores de corrente marxista e, principalmente, a obra do próprio Marx.

O terceiro item, “*Parece que nunca desligo*”, apresenta os resultados do estudo, com base nas seguintes categorias de análise: percepções das artesãs sobre trabalho artesanal, jornada de trabalho artesanal, jornada de trabalho reprodutivo, tempo livre, organização da rotina, preço da mercadoria, remuneração de trabalho e saúde das trabalhadoras. Seu título, expõe o trecho de umas das entrevistas, no qual a artesã reconhece que a condição de não assalariamento limita o tempo livre e faz com que esteja sempre em trabalho. Na sequência, o item “Registros Visuais”, exibe cinco fotografias, uma de cada artesã, acompanhadas dos seus nomes, do ofício, bem como de legenda com a descrição do contexto em que a imagem fotográfica foi registrada. Por fim, serão apresentadas as considerações finais e as referências que fundamentaram a construção deste capítulo.

## PERCURSO METODOLÓGICO

O capítulo parte de uma pesquisa de abordagem qualitativa (BANKS, 2009), com caráter exploratório e não probabilístico (GIL, 2008). Amparado metodologicamente no materialismo histórico dialético, o estudo procurou observar e analisar os fenômenos do contexto das artesãs a partir da sua totalidade, da historicidade e das contradições existentes no modo de produção capitalista. Considerou-se assim, os contextos sociais, econômicos e políticos nos quais essas trabalhadoras estão inseridas.

A investigação estrutura-se em quatro eixos principais: trabalho artesanal, trabalho não assalariado, saúde da trabalhadora e cotidiano. A amostra é composta por cinco artesãs não assalariadas da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA)/RS<sup>3</sup>. Essa pequena amostragem deve-se à abordagem metodológica de aproximação e à possibilidade de alcançar saturação teórica (FONTANELLA *et al.*, 2011) durante o desenvolvimento da pesquisa. Em virtude das técnicas e dos instrumentos utilizados, a seleção de participantes deu-se por conveniência. A pesquisa foi realizada nos diversos espaços de trabalho onde as artesãs exercem suas atividades, desde suas residências até feiras de artesanato abertas ao público.

A metodologia do estudo buscou a aproximação com o cotidiano das trabalhadoras artesanais, a fim de se compreender as percepções das artesãs quanto à incidência do trabalho artesanal não assalariado na saúde. Para tanto, contou com dois tipos de técnicas — registro fotográfico documental e entrevista semiestruturada — tanto para a coleta de dados quanto para a análise de conteúdo.

---

<sup>3</sup> Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA)/Rio Grande do Sul: abrange 34 municípios, conforme levantamento realizado pelo IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2014, p. 74).

O uso da imagem fotográfica possibilitou a aproximação com as participantes e norteou, juntamente com o roteiro, a condução das entrevistas. Os registros fotográficos foram feitos pela pesquisadora no intuito de que as trabalhadoras pudessem refletir sobre seu cotidiano, a partir de um olhar externo. Durante a coleta de dados visuais, buscou-se interferir o mínimo possível nos processos e na rotina de trabalho das artesãs. Os aspectos éticos foram atendidos em todas as etapas do processo investigativo, conforme o Termo de Autorização Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Autorização de Uso de Imagem (TAUI).

A análise dos dados foi realizada por conteúdo, utilizando um conjunto de técnicas de análise de comunicação (BARDIN, 2016), e considera aspectos em comum no cotidiano de trabalho das artesãs entrevistadas. Além disso, as percepções das próprias trabalhadoras artesanais não assalariadas foram fundamentais para se chegar aos resultados da investigação.

### ***EU FAÇO ISSO E VÁRIAS COISAS JUNTAS: O TRABALHO ARTESANAL NÃO ASSALARIADO NO CAPITALISMO E AS IMPLICAÇÕES DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO COTIDIANO DAS ARTESÃS***

Desde o surgimento da manufatura na metade do século XVI, diversas mudanças afetaram a forma de organização de trabalho dos artesãos. Marx (2017) descreve o período manufatureiro a partir de duas fases: na primeira, havia uma colaboração mútua entre os artesãos, que trabalhavam simultaneamente para produzir a mercadoria em todas suas etapas, até a sua conclusão total (MARX, 2017). Já na segunda fase, visava-se ao aumento da produção, tendo sido esse o fato gerador de mudanças significativas para os trabalhadores autônomos, dentre as quais se destacam: a divisão do trabalho, o estabelecimento de prazos e a execução repetitiva da mesma operação parcial (Ibid.; p. 412).



Para Marx (2017), o surgimento das máquinas na atividade artesanal não só subordinou os artesãos ao capital, como também suprimiu a precisão de habilidades técnicas específicas para o exercício desse ofício. Em contrapartida, Sennett (2013) acredita que o advento da indústria não elimina a habilidade artesanal, pois “a técnica deixa de ser uma atividade mecânica; as pessoas são capazes de sentir plenamente e pensar profundamente o que estão fazendo quando o fazem bem” (SENNETT, 2013, p. 30).

A união entre o pensar e o fazer constituem um *artífice* (SENNETT, 2013), tendo em vista que essa articulação entre ideias e materialização é intrínseca ao trabalho artesanal. Um *artífice* pode ser qualquer pessoa que se engaje de forma prática no trabalho, desde que suas habilidades sejam desenvolvidas com alto grau de aptidão na busca pela qualidade (Ibid.). Segundo Sennett (2013), essa perícia fornece gratificações pessoais aos artesãos, como a conexão com uma realidade tangível e o orgulho pelo trabalho, as quais foram inviabilizadas pelas culturas das sociedades ocidentais. Construiu-se então, uma ideia de inferiorização histórica da atividade artesanal em relação a outras formas de trabalho que, supostamente, seriam vistas como superiores.

Compreende-se que o trabalho artesanal produz *valor de uso* e insere-se no capitalismo através da esfera de circulação das mercadorias (MARX, 2017). Uma vez que o trabalho artesanal está imerso nas relações de produção e comercialização capitalistas, deve-se analisá-lo a partir da sua inserção no sistema do qual faz parte (CANCLINI, 1983; KELLER, 2014). Assim, é preciso pensar na produção artesanal como uma necessidade do capitalismo, sendo que contribui para sua reprodução e manutenção hegemônica (CANCLINI, 1983).

Para compreender o tipo de remuneração das artesãs, parte-se da análise do modo de assalariamento, que, por sua vez, se estabelece numa relação de mercado (MARX, 2017). Portanto, a investigação considera a natureza exploradora da relação capital/trabalho e seu histórico processo de precarização para refletir sobre a condição de não assalariamento das trabalhadoras artesanais.

A definição de uma nomenclatura apropriada à condição de não assalariamento das mulheres investigadas baseia-se na análise dos principais termos utilizados para tratar das relações de trabalho. Os estudos analisados conceituam e classificam as características de diferentes tipos de trabalho, especialmente no que se refere às condições e aos direitos dos trabalhadores. Desse modo, a delimitação da pesquisa quanto ao não assalariamento das artesãs considera as características presentes em três terminologias preponderantes e que fornecem subsídios significativos para esse debate: *trabalho autônomo* (RIBEIRO, 2005; REGO, 2013), *trabalho informal* (IDALINO, 2014; MALAGUTI, 2001) e *semiformalidade* (IPEA, 2018b).

Estudos indicam que o trabalho no setor artesanal é predominantemente composto por mão de obra feminina (BORGES, 2011; DIEESE, 2017; IPEA, 2018a; SCRASE, 2003). A divisão sexual do trabalho na produção artesanal advém de um sistema que expõe as mulheres a situações de instabilidade e de insegurança, além de submetê-las a diversos tipos de exploração, pois baseia-se intensivamente na divisão de classe e gênero (SCRASE, 2003).

A investigação da realidade, hoje posta, pode ser relacionada a questões datadas ainda no século XV, durante o qual os artesãos de diversos países, juntamente com as autoridades da época, organizaram um movimento que visava a expulsar as trabalhadoras artesanais das

oficinas e, assim, monopolizar os postos remunerados de trabalho para os homens (FEDERICI, 2017). Essas ações misóginas foram responsáveis não somente pela redução de funções assalariadas para as mulheres, como também pelo forjamento de uma nova divisão sexual do trabalho (Ibid.). Por consequência, a má remuneração do *trabalho reprodutivo* na indústria artesanal doméstica se consolidou e a ideia de que ele seria um recurso natural e disponível para todos foi naturalizada (Ibid.; p. 190).

Segundo Scott (1994), a compreensão de que as diferenças funcionais entre homens e mulheres seriam uma organização espontânea desconsidera o necessário debate sobre baixos salários e a falta de apoio na criação dos filhos (SCOTT, 1994). Nesse sentido, a divisão sexual do trabalho contribui para o processo de produção e reprodução do capital, uma vez que sua estruturação perpetua as desigualdades de gênero e explora a força de trabalho feminina, submetendo as mulheres a diversas formas de violência (FEDERICI, 2017; NOGUEIRA, 2006; SCHWARZ, THOMÉ, 2017; SCOTT, 1994; SCRASE, 2003). De acordo com Nogueira (2006), enquanto não houver efetivamente uma “nova divisão sexual do trabalho no espaço reprodutivo”, as mulheres estarão mais vulneráveis “à precarização de sua força de trabalho na esfera produtiva” (NOGUEIRA, 2006, p. 125).

O trabalho artesanal e o reprodutivo são elementos constitutivos da vida cotidiana das artesãs. A repetição diária de ações engendra uma cotidianidade instintiva, mecânica e de ritmo constante (KOSÍK, 1976), na qual a centralidade do trabalho artesanal e do reprodutivo incide diretamente na saúde das trabalhadoras. Ademais, a condição de não assalariamento obscurece diversas contradições do trabalho realizado em casa, como a ideia de autonomia sobre a organização do ritmo e do tempo de vida. Portanto, uma análise crítica quanto à saúde da

trabalhadora exige considerar todas as atividades que compõem a *jornada de trabalho* (MARX, 2017) das mulheres.

Lourenço (2016) explica que a saúde da trabalhadora “só pode ser entendida a partir de um conjunto de medidas que colocam limites à ânsia do capital por mais trabalho e que envolvem a proteção e regulação do trabalho e a proteção social” (LOURENÇO, 2016, p. 28). No Brasil, a produção científica sobre a saúde da trabalhadora ainda se apresenta de maneira fragmentada e dispersa (AQUINO *et al.*, 1995). O acúmulo de trabalho profissional e doméstico potencializa os fatores de riscos, gerando danos à saúde física e mental das mulheres, os quais ainda são insuficientemente conhecidos e precisam ser estudados (Ibid.).

### **PARECE QUE NUNCA DESLIGO: ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA**

O estudo identificou diversas particularidades e similitudes nos processos de trabalho das artesãs. Ainda que todas sejam trabalhadoras artesanais não assalariadas, nota-se a diversidade na forma de realização do ofício. Dentre as principais diferenças observadas, estão as técnicas artesanais, o tempo na atividade, o regime de trabalho e a forma de contribuição previdenciária. Já entre os aspectos em comum, pode-se citar uma forma de existência cotidiana (KOSIK, 1976), determinada pela centralidade do trabalho no sistema capitalista, e sua consequente exploração da força de trabalho. Em vista disso, para que se possa compreender o perfil das cinco mulheres investigadas, cabe apresentar uma breve síntese da amostra.

As participantes do estudo têm idade entre 29 e 65 anos, e desempenham ofícios diversos (bonequeira, escritora, artesã de bijuterias, ilustradora, tatuadora, costureira e ceramista), sendo que quatro delas trabalham com mais de um tipo de técnica artesanal. O tempo na atividade

artesanal varia entre 03 e 47 anos, referindo-se ao período de trabalho remunerado. Três das entrevistadas consideram seu regime de trabalho familiar e duas, individual. Quanto à contribuição previdenciária, três das participantes o fazem na forma MEI - Micro Empreendedor Individual, uma como autônoma e apenas uma das trabalhadoras não contribui para a Previdência Social. Das cinco artesãs, quatro contam com o trabalho artesanal como principal fonte de renda e uma, como receita complementar à aposentadoria. A comercialização da mercadoria artesanal ocorre através de sites, redes sociais, espetáculos de teatro, feiras gráficas e de artesanato, residências e ateliê.

A investigação sobre inserção do trabalho artesanal no cotidiano dessas mulheres partiu da preponderância das seguintes categorias: percepções sobre o trabalho artesanal, jornada de trabalho artesanal, jornada de trabalho reprodutivo, tempo livre, organização da rotina, preço da mercadoria, remuneração de trabalho e saúde das trabalhadoras. Os resultados, juntamente com as categorias mencionadas, foram sistematizados no quadro seguinte e serão descritos na sequência do texto.

Quadro 01 - Sistematização dos resultados.

Percepções sobre o TA	Jornada TA	Jornada TR	Tempo Livre	Organização da rotina	Preço da mercadoria	Remuneração	Saúde
necessidade econômica	o tempo é determinado pelo trabalho			cotidiano de ritmo contínuo e repetitivo	dificuldade em cobrar o valor real	pagamento por peça ou venda	desgaste físico e mental
realização pessoal	variação da extensão	dupla jornada	não há fronteiras entre tempo livre e de trabalho	entrelaçamento das diversas esferas da vida	quanto maior a produção, mais extensa será a JT e menor o valor da FT	exploração da FT, independentemente da condição salarial	

"vida" "terapia" "equilíbrio" "processo de cura"	criação produç. divulgaç. venda						<i>sentido do trabalho como proteção da saúde</i>
---	--	--	--	--	--	--	---

**Fonte:** Elaborado com base em Anabor (2020).

**Legenda:** TA - trabalho artesanal; TR - trabalho reprodutivo; JT - jornada de trabalho; FT - força de trabalho.

As **percepções das artesãs** reconhecem a artesanaria como uma fonte de renda e também como um meio de realização pessoal, que constitui sentido para o trabalho e para suas vidas. Tal afirmação pode ser observada na fala de uma das participantes: “não sei se consigo separar quem sou do que faço” (ANABOR, 2020, p. 111). Ademais, o trecho que intitula o presente capítulo, “se não crio, eu adoço” (Ibid.; p. 136), evidencia a importância do trabalho artesanal para a manutenção da saúde das artesãs, pois oferece meios para expressar suas ideias, sentimentos e criatividade.

A **jornada de trabalho** artesanal é essencialmente composta pelos processos de criação, produção, divulgação e comercialização das mercadorias artesanais. Logo, é importante salientar que as artesãs dominam e exercem todas as etapas do processo produtivo artesanal. A inserção das mídias sociais na artesanaria surge como novo elemento no processo de precarização do trabalho. Esse aspecto revelou-se como um ponto crítico para as trabalhadoras, pois a comercialização das mercadorias impõe a interação constante nas redes sociais e captura o tempo de vida dessas mulheres, conforme menciona uma das artesãs: “tem que ficar o dia inteiro no celular, respondendo e fazendo as pessoas interagirem contigo” (ANABOR, 2020, p. 132). Essas transformações tecnológicas na esfera da circulação de mercadorias submetem as trabalhadoras artesanais ao desempenho de novas funções, gerando

acúmulo de tarefas e prolongamento da extensão da jornada de trabalho.

A necessidade econômica soma-se à profunda relação das entrevistadas com a artesanaria, produzindo uma cotidianidade que é atravessada pelo trabalho artesanal. Conseqüentemente, é comum que as tarefas do ofício invadam os períodos destinados a outras atividades, como as relacionadas ao descanso ou à família, evidenciando a indissociabilidade entre vida e trabalho (THÉBAUD-MONY, 2000). Embora nem todas as artesãs reconheçam as tarefas domésticas não remuneradas como **trabalho reprodutivo**, evidenciou-se sua presença na cotidianidade dessas mulheres. A exemplo disso, cita-se a fala de uma das trabalhadoras: “[...] compro e faço o material, bato foto, mais todo o resto de vender, sair, divulgar. É bem complicado. Tudo é tempo. E também cuido da casa, faço almoço. Eu faço isso e várias coisas juntas” (ANABOR, 2020, 79). Assim, os cuidados com a casa e a família ocorrem simultaneamente ao exercício da artesanaria, o que configura a dupla jornada de trabalho.

As diversas esferas da vida das artesãs se entrelaçam de maneira profunda e impedem o estabelecimento de fronteiras entre trabalho e **tempo livre**, conforme menciona uma das participantes: “estou pensando nos textos quando estou tomando café e quando estou cuidando do (filho). As coisas não estão separadas, elas se misturam, vão se inundando umas das outras. A sensação que tenho, é que estou sempre em trabalho” (ANABOR, 2020, p. 58). Em consonância, outra artesã reforça a limitação do tempo livre pela sobrecarga de trabalho reprodutivo e artesanal: “são muitos anos na rotina de cuidar da casa, da costura, me canso. Acho bem pesado, porque às vezes não sobra tempo para lazer. Não sobra tempo para sair, para ir à praia ou dar um



passado no meio da semana” (Ibid.; p. 79). Logo, o trabalho não assalariado determina a **organização da rotina** dessas trabalhadoras e impacta nos seus modos de viver.

A **remuneração** das artesãs se dá através do pagamento por peça ou venda, sendo evidente, independentemente da condição salarial, a exploração da força de trabalho. A dificuldade em cobrar o valor real pelo trabalho artesanal é outro aspecto comum entre as artesãs, pois é preciso baixar o **preço da mercadoria** na tentativa de efetivar a venda. O aumento da produção artesanal impõe-se no esforço de ganhar mais pela quantidade de vendas, de modo que o prolongamento da extensão da jornada reduz o valor da força de trabalho.

Constatou-se que o trabalho pode ocasionar danos físicos e mentais à **saúde dessas trabalhadoras**, principalmente, quando há pressões e acúmulo de tarefas. As artesãs relataram alterações do sono e crises de ansiedade, relacionando-as a “prazos para entrega de mercadoria, exigências com a qualidade dos produtos, execução de multitarefas no processo produtivo e sobrecarga de funções pela dupla jornada” (ANABOR, 2020, p. 132). Duas entrevistadas associam danos físicos às condições de trabalho, os quais foram apontados como comprometimento da visão, dores musculares e lesões/alterações na coluna. Os agravos à saúde física podem estar relacionados à inadequação ergonômica, a movimentos repetitivos e à permanência na mesma posição por longas jornadas de trabalho, conforme aponta uma das entrevistadas: “estou trabalhando na minha sala, é um ambiente que às vezes trabalho, mas fico desconfortável por causa da minha coluna” (ANABOR, 2020, p. 129).

Outro dado significativo sinaliza que as artesãs não assalariadas são responsáveis pelas próprias condições de trabalho e,



consequentemente, pelos cuidados com sua saúde. A remuneração do trabalho subsidia as necessidades primárias, assim como precisa fornecer recursos para melhorar os espaços laborais. Contudo, as adequações ergonômicas ocorrem somente a partir da identificação de desconforto físico para trabalhar e quando há condições econômicas para prover as adaptações necessárias.

As contradições presentes no “mundo do trabalho” também se apresentaram nos resultados do estudo. Ao mesmo tempo em que as condições de trabalho acarretam danos físicos e mentais para as trabalhadoras, as artesãs compreendem que o *sentido do trabalho* (ANTUNES, 2015) é uma forma de proteção à saúde, referindo-se ao ofício com termos como “vida”, “terapia”, equilíbrio e “processo de cura” (ANABOR, 2020, p. 140). Evidencia-se essa afirmação através da seguinte citação: “não é só por causa da renda, do dinheiro, do que ganho, é porque gosto mesmo de fazer” (Ibid.; p. 55).

Apesar do trabalho aparecer como elemento determinante da cotidianidade, compreendeu-se que o cotidiano de realização pessoal pelo processo criativo do ofício fornece bases para que suas vidas adquiram sentido (LEFEBVRE, 1991). No entanto, o ofício como criador de sentido para a vida e a condição de não assalariamento, impõem jornadas de trabalho sem limitação de tempo, conforme menciona uma das artesãs: “tem momentos que parece que nunca desligo. Me sinto culpada se não estou pensando no meu trabalho, porque ele é minha vida inteira” (ANABOR, 2020, p. 130).

## REGISTROS VISUAIS

Genifer Gerhardt  
Escritora, poetisa e bonequeira



Fonte: Registrada pela autora. Porto Alegre, julho de 2019. Genifer apresenta seu espetáculo de bonecos em miniatura, intitulado *Mundo Miúdo*, para uma criança que aguardou sua vez em uma longa fila de pessoas. Encontro de Mulheres Caixeiras no Parque da Redenção.

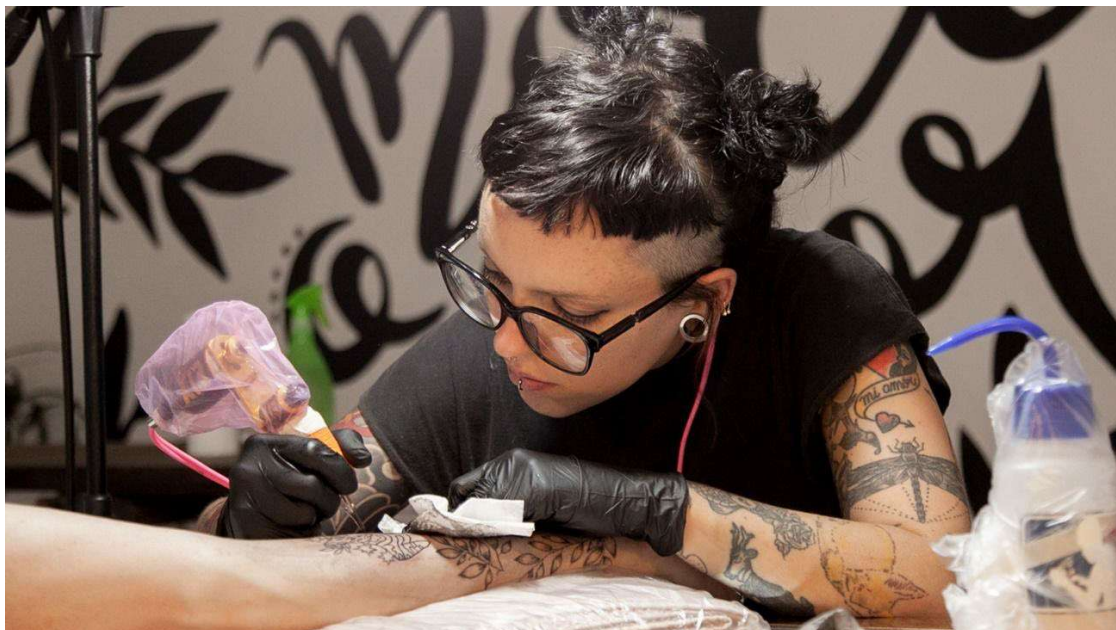
Maria Regina da Silva  
Artesã de bijuterias e Assistente Social



Fonte: Registrada pela autora. Porto Alegre, julho de 2019. Regina observa uma cliente experimentar os colares feitos por ela. Feira em comemoração ao Dia Internacional da Mulher Negra, Latino Americana e Caribenha, realizada no Auditório Ana Terra, Câmara Municipal de Vereadores.

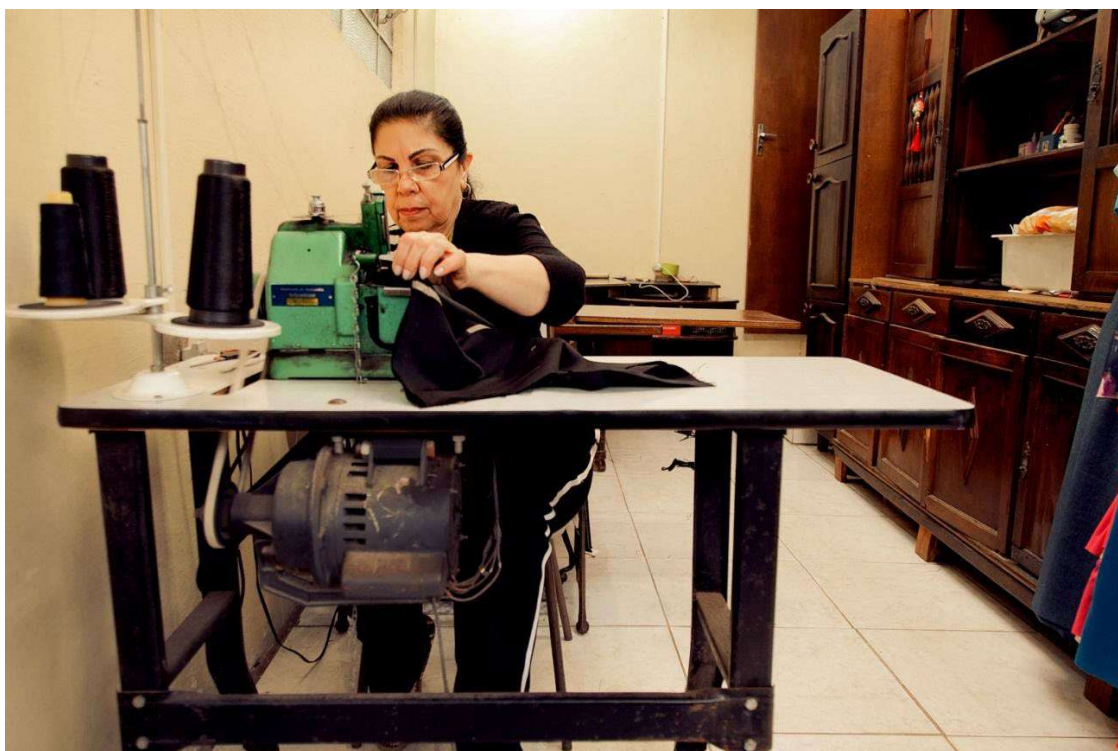


Isadora Brandelli  
Escritora, ilustradora, tatuadora



Fonte: Registrada pela autora. Porto Alegre, outubro de 2019. Isadora testa sua nova máquina de tatuagem no braço de um cliente. Estúdio de tatuagem, na residência da ilustradora.

Neida Rosa Vieira  
Costureira



Fonte: Registrada pela autora. Porto Alegre, setembro de 2019. Neida costura um vestido de festa para uma cliente. Sala de trabalho, residência da costureira.

Kátia Schames  
Ceramista e professora de cerâmica



Fonte: Registrada pela autora. Porto Alegre, novembro de 2019. Kátia trabalha moldando o barro no torno, registro de uma das etapas para criação em cerâmica. Ateliê da ceramista.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A remuneração das artesãs não assalariadas ocorre pela efetivação da venda dos produtos. Para comercializar esses produtos, as trabalhadoras têm dificuldade em cobrar, pela mercadoria artesanal, um valor compatível com o tempo de trabalho despendido. Se não venderem o que foi produzido, não receberão pelo trabalho realizado. Embora pareça que a condição de não assalariamento ofereça autonomia e maior remuneração econômica, a exploração da força de trabalho é ocultada por diferentes estratégias do capital, inclusive no preço da mercadoria.

Ao considerar-se a divisão sexual do trabalho na análise do estudo, compreendeu-se que a dupla jornada das mulheres impacta não só na saúde das trabalhadoras, mas também nos seus modos de viver. O

cotidiano das artesãs não assalariadas revela a inexistência de fronteiras entre o tempo de trabalho, a família, o descanso e as demais atividades. Esses entrelaçamentos automatizam a organização das atividades diárias e resultam em uma cotidianidade de ritmo contínuo e repetitivo.

O acúmulo de tarefas do trabalho artesanal e reprodutivo constitui a dupla jornada, que, por sua vez, determina a organização da rotina e do tempo de vida das artesãs. A sobrecarga de trabalho incide diretamente sobre a saúde dessas trabalhadoras, resultando em danos físicos e mentais. No entanto, o processo criativo do ofício é uma necessidade para a manutenção da saúde das artesãs, já que a realização pessoal atribui sentido ao trabalho. Logo, a falta do exercício criativo da artesanaria foi apontada como causa de adoecimento, revelando a dialética contraditória da realidade na relação entre trabalho e saúde.

Por fim, destaca-se a importância de novas pesquisas que investiguem o trabalho artesanal não assalariado e a saúde da trabalhadora artesã, visto que a escassez de aporte teórico e científico representou um desafio para a análise deste estudo. Cabe ressaltar que as atuais formas de trabalho não assalariado são difundidas como uma oportunidade promissora de subsistência para os trabalhadores e que oferecem vantagens em relação à condição de assalariamento.

Cria-se um mito em torno do termo *empreendedorismo*, que se sustenta nas falsas ideias de autonomia, liberdade e ascensão econômica para a classe trabalhadora. No entanto, os trabalhadores “por conta própria” precisam cumprir jornadas extenuantes e, por vezes, em condições precárias. Assim, trabalhadores e trabalhadoras são capturados pela informalidade e têm o cotidiano determinado pelo próprio trabalho. Por isso, a realidade dos trabalhadores não



assalariados é de instabilidade, insegurança e desproteção social. O trabalho não assalariado, portanto, intensifica a exploração da classe trabalhadora e obscurece as estratégias de dominação no sistema capitalista.

## REFERÊNCIAS

- ANABOR, Shirlene. *Não sei se consigo separar quem sou do que faço: um estudo sobre trabalho artesanal não assalariado no capitalismo e saúde de artesãs da Região Metropolitana de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Política Social e Serviço Social) – Programa de Pós Graduação em Política Social e Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, p. 159. 2020.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. - 16 ed. - São Paulo: Cortez, 2015.
- AQUINO, Estela Maria L. de, MENEZES, Greice Maria de S. e MARINHO, Lilian Fatima B. *Mulher, saúde e trabalho no Brasil: desafios para um novo agir*. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, P. 281-290, junho, 1995.
- BANKS, Marcus. *Dados visuais para pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BORGES, Adélia. *Design + Artesanato: o caminho brasileiro*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- CANCLINI, Néstor García. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.
- DIEESE. *A comercialização na economia solidária em empreendimentos urbanos de produção artesanal lideradas por mulheres*. Cadernos de Debates do Observatório Nacional de Economia Solidária e do Cooperativismo, Nº 2, São Paulo: DIEESE, páginas 37-48, 2017.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.
- FONTANELLA; BJB et al. *Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica*. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro,

27(2):389-394, fev, 2011. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/csp/v27n2/20.pdf](http://www.scielo.br/pdf/csp/v27n2/20.pdf)>; acesso em: 18 fev. 2022.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

IDALINO, REA., and OLIVEIRA, RV. *A invenção cotidiana do trabalho no limiar da exclusão social: a condição social dos “flanelinhas” em Campina Grande*. In: OLIVEIRA, RV. (Org.) *Dinâmicas atuais do trabalho na Paraíba: leituras sociológicas* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Ministério do Trabalho. *Mercado de trabalho: conjuntura e análise*, Brasília, Ipea/Ministério do Trabalho, Nº 65 - ANO 24, v.1, n.0, páginas 153-160, outubro 2018a.

\_\_\_\_\_. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Ministério do Trabalho. *Mercado de trabalho: conjuntura e análise*, Brasília, Ipea/Ministério do Trabalho, Nº 64 - ANO 24, v.1, n.0, páginas 87-97, abril 2018b.

\_\_\_\_\_. Fundação João Pinheiro (FJP) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). *Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras*. Brasília, 2014.

KELLER, Paulo F. *Trabalho e economia do artesanato no capitalismo contemporâneo*. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia - GT 034: Etnografias do capitalismo, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN. Anais: Associação Brasileira de Antropologia – ABA, páginas 1-20. Natal: UFRN, 2014.

KOSÍK, Karel. *Dialética do concreto*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza (Org.). *Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora e Serviço Social: estudos da relação trabalho e saúde o capitalismo contemporâneo*. Campinas: Papel Social, 2016.

MALAGUTI, Manoel Luiz. *Crítica à razão informal: a imaterialidade do salariado*. São Paulo: Boitempo, 2001.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. *O trabalho duplicado. A divisão sexual no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras de telemarketing*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

REGO, Walquiria Leão. *Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

RIBEIRO DE VILHENA, Paulo Emílio. *Relação de Emprego*. São Paulo: LTr, 2005, p. 531-534.

SCHWARZ, Rodrigo Garcia; THOMÉ, Candy Florencio. *Divisão Sexual do Trabalho e Impactos na Saúde das Trabalhadoras - Adoecimento por Ler/Dort*. Revista Direitos, trabalho e Política Social, CUIABÁ, V. 3, n. 5, p. 123-149, jul./dez. 2017.

SCOTT, J. W. *A mulher trabalhadora. História das mulheres no ocidente*, vol. IV: O século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

SCRASE, T.J. Precarious production: globalization and artisan labor in the third world. *Third World Quarterly*. V. 24; N. 3; pp.449-461; 2003.

SENNETT, Richard. *O Artífice*. 4ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2013.

THÉBAUD-MONY, Annie. *Précarisation Sociale, Travail et Santé*. s/p. Acervo pessoal do autor. Paris: Institut de Recherche sur les Sociétés Contemporaines, 2000.